

IMPRENSA ANAERÓBIA

RAUL PILLA

H AVER uma imprensa que, sem combater frontalmente a democracia, procura disfarçadamente desmoralizá-la, coisa é que não se pode duvidar. À primeira vista, isto parecerá absurdo, pois é comum dizer-se que não pode a imprensa viver sem liberdade. Mas a verdade é que, se a imprensa, como instituição, requer liberdade, certos jornais, como simples instrumentos econômicos que são, prosperam mais facilmente em ambientes obscuros e confinados. São os anaeróbios da imprensa.

Basta lê-los. Vejamos alguns exemplos. Para o diretor de um vespertino, são principalmente os homens que estão na Câmara, os responsáveis pela maioria dos desmandos que produziram a anarquia nas finanças do país. A maioria da Câmara caracteriza-se pela incompetência, pelo desleixo e pelo espírito demagógico. Um matutino do mesmo grupo, tratando da grave situação exposta pelas Associações Comerciais do país, considera clamorosa injustiça atribuir as grandes dificuldades atuais à inação governamental ou a erros administrativos praticados por incompetência do Governo, isto é, do Poder Executivo. O Governo é capaz e infalível, pois dispõe dos recursos do Tesouro e dos favores do Banco do Brasil. Mas, se dêle não é a culpa, de quem será? Ora, de quem há de ser senão do Congresso e dos políticos?

Com efeito, o mesmo jornal dá guarida a uma carta quase anônima, em que se expõem os motivos da fundação da «Ação Popular Brasileira», que visa «organizar as classes sociais contra a ação deletéria dos partidos políticos e sua influência demolidora e ruínosa em todos os princípios que pretendeu (sic) defender destes últimos tempos». Trata-se, evidentemente, de manifestação delirante, agravada pela incultura. O destino normal de semelhante papel, seria a cêsta. O jornal, porém, abriu-lhe colunas, para considerar o triste documento um sinal da época e uma advertência aos políticos.

E tem razão o jornalista: é uma advertência. Mas não está ela naquele «cipoal de incoerências, absurdos e paradoxos, que é o estatuto da Ação Popular Brasileira» (é o jornalista mesmo quem assim o classifica), senão na complacência com que certa imprensa acolhe tudo quanto possa concorrer para desprestigiar a instituição representativa.

Meditem nisto e concluam os congressistas, sobre os quais pesa o dever de preservar a democracia.